

# Notazinha ao artigo de Abel Salazar

Lêmos com o maior interêsse a exposição do nosso illustre e muito prezado Amigo Dr. Abel Salazar, intitulada «A-propósito da vulgarização do Círculo de Viena». Não foi nunca intuito nosso o abrir discussão sôbre tal assunto, e não temos o menor desejo de a prolongar. Quisemos unicamente que alguns rapazes, desejosos de se abalançarem à vulgarização filosófica, meditassem um pouco no problema prévio de como realizar êsse seu desejo: e, se falámos nas vulgarizações de Abel Salazar, foi só porque tememos que os mesmos jovens pensassem em as tomar como modelos, sem primeiro as examinar e as criticar. Isso, e nada mais. Buscaremos por consequência ser brevíssimo — quanto possível, claro está. Nunca almejámos polémicas com pessoa alguma (foi bem a desprazer que nos metemos em tantas), e muito menos com Abel Salazar, a quem estimamos e admiramos tanto, e de quem somos companheiro em numerosas coisas. E já que aqui estamos, quiséramos tam-só estudar com êle — fraternalmente — o melindroso problema da vulgarização filosófica.

## 1

Ora bem. Comprovamos nesta nova leitura o que notáramos anteriormente, a saber: que não podemos libertar-nos de um estado de dúvida sôbre a justeza da concepção de Abel Salazar acêrca dos métodos da vulgarização filosófica (ou da vulgarização científica).

Se bem interpretamos os seus artigos, a vulgarização filosófica parece ser, para o seu tão culto e generoso espírito, a propaganda das conclusões de determinados autores. Nós preguntamo-nos, pelo contrário, se a propaganda de teses e de conclusões — sem *expor a fundamentação* das mesmas teses — não terá acaso o defeito grave de ser algo meramente *receptivo e dogmático* em relação aos indivíduos para quem é feita; e se essa receptividade e dogmatismo não serão a negação de uma *cultura* autêntica, e sobretudo de qualquer cultura que mereça êsse nome de *filosófica*; preguntamo-nos, ainda, se devemos adoptar fora da escola — nos nossos artigos de vulgarização — êsse mesmo género de instrução dogmática que para uso das escolas reprovamos todos; e se não é quando se fala, precisamente, aos *não-iniciados* (aos indivíduos a que se destinam as vulgarizações) que se torna mais necessária a *exactidão e o rigor, quer nas ideas, quer na lin-*

*guagem*. Porque, muito em especial na vulgarização filosófica, não nos devemos propor o *afirmar* convicções (supomos nós), mas *esclarecer* espíritos.

## 2

Por êste último ponto começaremos agora, transitando depois para aquêle primeiro; e tomaremos para exemplo uma frase qualquer que dê bem a perceber a nossa dúvida.

Vamos ao único artigo de Abel Salazar que encontramos à mão neste momento (o do n.º 154 do semanário *O Diabo*) e notamos que êle diz, por exemplo, que a beleza do universo einsteiniano é «como a da Vénus de Milo seria, se a vissemos projectada num sistema de equações» (pág. 2, 1.ª col.).

Esta frase, lida por qualquer daqueles leitores para quem o artigo *não* foi escrito (isto é, para um iniciado, que não precisa de vulgarizações) parece-me que não terá inconveniente algum. O leitor iniciado, com efeito, sabe o que significa uma projecção, o que seja um sistema de equações, e vê logo que a frase é meramente artística. Segue pois na sua leitura, despreocupadíssimo, e nunca mais pensa nessa frase estranha, que lhe não dá um ápice de perturbação mental. Em resumo: em obra que *não* fôsse de vulgarização científica, seria a frase absolutamente inócua.

Com o leitor, porém, para quem o artigo realmente é escrito (com o não-iniciado, aquêle para quem se fazem as vulgarizações) já nós nos preguntamos se sucederá o mesmo. A êsse (que sabe que o cientista Abel Salazar o está iniciando na filosofia e na ciência, e que costuma maldizer dos autores metafísicos por enunciarem proposições que não têm sentido) jamais porventura passará pelo cérebro que aquela frase não tenha sentido, e há-de supor ali uma noção científica, que êle precisa de esforçar-se por assimilar, para poder prosseguir em sua iniciação filosófica. E dêsse esforço (supomos nós; mas talvez erremos) só poderá resultar para o não-iniciado (para o homem a que se destinam as vulgarizações científicas) um terrível labirinto de confusões mentais. De aí a pergunta: ¿não será certo que uma frase daquelas a podemos dizer sem inconveniente algum a matemáticos da pólpa de um Mira Fernandes, mas não ao vulgo mergulhado em trevas, a quem queremos dar luz? Generalizando: ¿não será na vulgarização, precisamente, que se

torna necessária a maior cautela em pensar e dizer *com precisão e rigor*?

Confessemos, todavia, que êste nosso reparo pode ter valor para quem quer que conceba a vulgarização filosófica daquela maneira que a concebemos nós; e não, pelo contrário, para quem a conceba como Abel Salazar, ou como nos parece que a tem concebido. ¿Qual é para êle, com efeito, o verdadeiro objectivo da vulgarização filosófica? — Se o percebemos bem, é o seguinte: *Lançar um elemento no conflito das forças histórico-sociais* (ver o seu artigo nesta mesma *Seara*, pág. 204, 2.<sup>a</sup> coluna, linhas 3 a 6). Ora, se se trata só de lançar elementos no conflito das forças histórico-sociais, é evidente que tanto monta que os elementos lançados sejam a imprecisão ou o rigor da frase, a verdade ou o êrro, a obscuridade ou a luz. Tudo são elementos no conflito das forças, é tudo combustível para a labareda da História. Simplesmente, a êsse acto de lançar elementos, *sem definir a qualidade dêsses elementos*, ¿não seria mais justo chamar-lhe outras coisas? ¿Porquê chamar-lhe vulgarização científica? ¿Porquê considerá-la vulgarização filosófica? Quanto a nós, aquela acção de lançar elementos só merece o nome vulgarização filosófica quando os elementos, ou forças, que nos propomos lançar, são a clarificação do espírito e a nitidez das ideas, a dúvida metódica e a disciplina crítica, o anti-dogmatismo e a paixão do rigor, — a exigência da demonstração, a organização interna, o esclarecimento do espírito, a ordenação mental; quando se usa de um método *explicativo e crítico*; quando se tem por escôpo, não o *prêgar* conclusões ou sínteses (desacompanhadas da fundamentação respectiva), mas *esclarecer* intellectos. E entendo por empregar um método crítico, não o facto de criticar as doutrinas, mas o de as apresentar numa *atitude crítica*, por uma *maneira crítica*, com um *estilo crítico*, científico, filosófico, isto é, como quem mostra hipóteses mais ou menos fundadas, sujeitas a dúvida, discussão e exame. Esta atitude, maneira, ou estilo, é que é coisa essencial, em nosso fraco entender, numa verdadeira educação filosófica.

Ora, nenhum dos artigos de Abel Salazar em que proclama as teses do Empirismo-lógico nos deu a impressão de *explicativo e crítico*; pareceu-nos, sim, que alguns leitores tirariam dêles o simples anúncio de uma Boa-Nova. E que Boa-Nova? — A de que nascera em Viena o absoluto Verbo.

Suponhamos que o Empirismo-lógico — suponhamos — era com efeito o absoluto Verbo. Pergunto-me qual seria, ainda em tal caso, a maneira filosófica de o anunciar. A apologia das *conclusões* do Empirismo-lógico, feita nos artigos de Abel Salazar, ¿não será *dogmática* (e, portanto, anti-

filosófica)? Porque não foi seu costume o de *explicar* aos leitores as *razões e raciocínios* em que as conclusões se estribam; e estes, e só estes, teriam valor de iniciação filosófica, a ser certo o que eu penso (mas que não juro que seja).

Se não erramos muito, o dogmatismo que supomos existir no seu modo — costuma manifestar-se por duas formas: primeira: a ausência de verdadeiras explicações; segunda: o recurso ao argumento de autoridade. «Assim dizem Carnap, Reichenbach, Frank, assim diz Frank que disse Petzhold»: tal o género das explicações que nos dá. Por isso tem argumentos como o seguinte: «Não percebo pois como é que António Sérgio me acusa de fazer má vulgarização... dando como prova disso frases que, precisamente, pertencem a duas *autoridades* e foram extraídas», etc., etc. Ah, meu illustre Amigo: pois é nisso mesmo que eu vejo o problema. ¿Será compatível com uma iniciação filosófica êsse sistema de «frases extraídas»?

### 3

Mas concretizemos. ¿Como se faria (em meu fraco entender) uma verdadeira vulgarização filosófica acêrca do Círculo de Viena?

Sem pretensões, claro está, de ensinar o *Padre-Nosso* a um verdadeiro Mestre, poderia acaso (se me não engano) ser qualquer coisa como o seguinte:

*Explicar*, primeiramente, *os motivos* das conclusões do Empirismo-lógico (para o que seria necessário, suponho eu, partir do *Tractatus* de Wittgenstein);

*Explicar*, seguidamente, os escolhos em que esbarra o Empirismo-lógico (referência ao solipsismo da teoria, — à impossibilidade, dentro dela, da ciência intersubjectiva, etc., etc.), escolhos êsses que dividiram o Círculo, e levaram à criação duma doutrina nova — o Fisicalismo-radical, — doutrina que dispensa, como se sabe, a conexão das proposições com os dados empíricos, — ou, (melhor explicado) que sustenta que a verdade de uma proposição se reduz sempre a confrontar um enunciado com um sistema de outros enunciados, para ver se é compatível ou incompatível com êles, e não a confrontar um enunciado com *a realidade*; de maneira que a noção de coerência lógica substituiria definitivamente a da correspondência de uma proposição com um dado (1).

Seguidamente, *explicar* como esta nova teoria,

(1) Como sabem os que me têm lido, concordo com esta idea; cheguei a ela, porém, por caminhos muito diferentes dos do Empirismo-lógico e do Fisicalismo-radical. Comprovar a sua afinidade com um dos *Pequenos pontos* que publiquei no n.º 510 da *Seara Nova*.

ou Ficalismo-radical (adoptada, entre os do Circulo, por um Neurath, um Carnap, um Hemper, mas combatida, dentro do mesmo Circulo, por um Schlick, um Tarski, um Lutman, se me não engano), se é certo que evita alguns dos escolhos em que vai naufragar o Empirismo-lógico, não deixa de encalhar em dificuldades próprias, talvez irresolúveis dentro dela.

Eu não afirmo — ¡ai de mim! — que este esboço de programa de vulgarização do Circulo não esteja sujeito a objecções importantes; menos afirmo — ¡ai de mim! — que fôsse eu capaz de o levar a efeito. Não; nem defendo os pormenores desse programa, nem me suponho capaz de o pôr por obra, com a nitidez necessária. (Quem, pelo contrário, poderia efectuá-lo à maravilha era Abel Salazar, se quisesse tomar essa orientação). Limite-me só a pensar o seguinte: que ao espírito geral desse programa é que talvez se pudesse chamar « filosófico ». E porquê? — Por ter uma intenção *explicativa e crítica*; por se propor *explicar* as razões das teses e por não as proclamar como a definitiva Idea, — destruidora, num cataclismo, de tudo mais (1).

Repito: eu não sei; pergunto apenas. Isto é: apresento aos leitores da *Seara Nova* (ou, antes, aos rapazes que se propunham vulgarizar doutrinas) o que tenho na conta de um problema prévio em todos os planos de vulgarização filosófica.

## 4

E agora, considerarei as respostas de Abel Salazar a certas observações que me permiti fazer-lhe. Tratam essas respostas de três pontos:

- 1.º O carácter da obra de Kant;
- 2.º O carácter da obra de Platão;
- 3.º A opposição de *metafísica* e de *ciência* no pensamento da Grécia antiga.

1.º *Ponto*. Abel Salazar dissera: « A Metafísica renovou recentemente as suas velhas pretensões de dignidade superior às ciências, consideradas como qualquer coisa de filosoficamente inferior... É uma ambição antiga, já dos tempos da velha Grécia, que *aparece nos tempos modernos em Kant* »...

Perante estas frases, permiti-me observar que o não-iniciado que lêsse isto suporia que nos tempos modernos não houvera pretensões metafísicas antes de Kant, e que foi Kant que introduziu essas

(1) *Em carta particular* a Abel Salazar disse-lhe que as suas exposições, em meu entender, deveriam ser « fundamentadas e críticas ». Fundamentadas, claro, não no espírito de Abel Salazar (porque já o são), mas no espírito dos seus leitores; fundamentadas *para os leitores*. E críticas, isto é: feitas numa atitude de espírito crítico.

pretensões, — quando a verdade é *precisamente o contrário*: Kant, em vez de introduzir as pretensões da metafísica, foi o inventor da *crítica* que combateu as pretensões que tivera até aí a metafísica. A metafísica não *aparece* com Kant: começa a *desaparecer* com ele.

E ¿ que me responde agora Abel Salazar? O seguinte:

« A referência a Kant é fácil de compreender *sabendo-se que há um Kant criticista* e um Kant metafísico », etc.

Quere dizer: Abel Salazar diz *agora* aos seus leitores que há um Kant criticista, *anti-metafísico*. Ora isto, precisamente, é que não deveria ter escapado *da primeira vez*. A noção que o não-iniciado havia de tirar da sua primeira frase (que eu critiquei) é *precisamente a contrária* da que ele pode tirar da nova frase. Pode agora ficar o iniciado suspeitando de que Kant, longe de ser o introdutor da metafísica na filosofia moderna, foi (inteiramente ao contrário) o introdutor da crítica *anti-metafísica*. A sua primeira frase compreender-se-ia, diz o nosso Amigo, *sabendo-se que...* Mas se ele parte da hipótese que o leitor *já sabe que* ¿ porque lhe vai fazer vulgarizações filosóficas?... Em resumo: com a *nova* frase fico eu satisfeito, e não tenho mais nada que discutir.

2.º *Ponto*. Contestei que fôsse justo identificar Platão e Aristóteles, como sendo igualmente pensadores animistas. E ¿ que me responde Abel Salazar? — Que a frase não é dele, mas de Petzhold, e que a conhece através de Philip Frank. Por outro lado, afirma que, se eu não concordo com tal idea, é porque me baseio... numa história da filosofia antiquada.

A gente tem surpresas tôda a sua vida, e uma com que eu não contava era esta de supor alguém que eu só conheço Platão... através de alguma história da filosofia, — e antiquada! Sobretudo o não esperava de Abel Salazar, que foi sempre tão grandemente, tão nobremente, tão magnanimamente generoso nas suas apreciações a meu respeito. Pois ¿ será preciso que eu jure a Abel Salazar que conheço *directamente* os textos platonicos, e que, quando acaso conheço *directamente* um filósofo, não mereço talvez que me argumentem assim: « digo que Philip Frank diz que Petzhold disse »...? Neste caso, já não é só o *magister dixit*, « o mestre disse »: é « um mestre disse que outro mestre disse que outro mestre disse »... Justos deuses! A frase aparece-me em terceira mão (ou talvez em quarta, se contarmos com o tradutor do livro de Frank). Ora, nestas coisas da filosofia, a uma pequena divergência na expressão verbal corresponde às vezes uma enorme na idea, e não sei o que o Petzhold teria dito. Mas suponhamos; suponhamos.

mos que êle disse o que se disse que êle havia dito. Que fazer-lhe? Com bastante vexame, tenho de me pôr numas tamanquinhas doiradas, e responder: «Pois, minhas senhoras e meus senhores, António Sérgio diz que o sobredito Petzhold, se disse precisamente o que aí lhe atribuem,—foi muito simplista, muito sumário, muitíssimo injusto, ao ajuizar de Platão, e desafia quem quer que seja a demonstrar que é lícito aplicar a Platão aquêle adjectivo de «animista» no mesmo sentido em que se aplica a Aristóteles. E, requerendo ao seu amigo Dr. Abel Salazar que queira ter a caridade de abandonar essa idea—muito pouco justa—de que só conhece as obras dos grandes filósofos através dos resumos dos historiadores (e dos historiadores antiquados), António Sérgio despede-se, finalmente, da atitude vaidosa e infinitamente cómica que se viu forçado a tomar neste lance,—e passa com alacridade ao terceiro ponto» (1).

3.º Ponto. Estranhei que Abel Salazar afirmasse que já havia na antiguidade grega essa idea de uma *metafísica*, concebida como separada da ciência, e com pretensões a dominar na ciência (2). E ¿que nos diz êle agora? Diz o seguinte:

«Quanto à outra [frase] «desde o início vem a filosofia grega em guerra contra a ciência», etc.

Isto é: no que diz agora, Abel Salazar eliminou a palavra *metafísica*, sobre que eu questionara. Não tenho mais nada que discutir.

## 5

Seria para mim um grande desgosto que o meu querido Amigo Dr. Abel Salazar interpretasse mal o meu pensamento. A sua inteligência, a sua competência, a sua nobreza de intuitos, o seu grande saber, considero-os acima da discussão. Simplesmente, a vulgarização dos assuntos filosóficos (ou dos assuntos científicos mais complicados) é um problema particularmente difícil. Requer uma técnica e um talento *sui generis*, que pode faltar ao maior dos filósofos, ou ao maior dos cientistas. De um dos autores que cita no

(1) Tenho a vaga impressão de que é crença de Abel Salazar a de que preciso de *actualizar* a minha cultura, e de que, se não julgo o Empirismo-lógico a Doutrina única e definitiva, é tam-sòmente porque não estou *à la page*, e porque ignoro as teses do Empirismo-lógico. Acaso não seja exclusivamente por isso. ¿Quem sabe lá se de aqui a vinte anos será Abel Salazar menos actual do que é hoje, e eu, pelo contrário, menos desactual do que sou? Nem sempre o que supomos mais recente é realmente o mais recente, e nem sempre o mais recente vem a ser de-facto o definitivo. Neste ano do centenário de Descartes, não nos esqueçamos da dúvida metódica!

(2) A palavra *metafísica*, como se sabe, não se encontra antes da Idade-média.

seu artigo sou eu amigo, e muito amigo: Paulo Langevin. Pois digo-lhe que muitas vezes ouvi a Langevin as mais desoladas lamentações sobre algumas das mais conhecidas, mais citadas, mais prestigiosas vulgarizações da teoria da relatividade. Não é só o talento de exposição para os não-iniciados: é também o talento de exposição para os iniciados o que falta às vezes aos maiores dos mestres. Luiz de Broglie, por exemplo, exprime-se com embaraço na sua cátedra; Langevin, pelo contrário, tem um talento de exposição prodigioso, não só na cátedra mas na conferência pública, de vulgarização, para toda a gente (ou para quasi toda). Eu nunca falei a Einstein, e jamais o ouvi; mas contou-me um amigo que Einstein lhe dissera que as teorias einsteinianas as deveríamos ouvir a Langevin, de preferência a êle, Einstein: porque as expunha muito melhor do que Einstein.

Nunca me abalancei à vulgarização filosófica, eu. Provavelmente, fá-la-ia pior do que Abel Salazar, sem embargo de que menos dogmática (1). Só me arrego sobre êle de uma vantagem: a de que nunca a fiz. E, se a fizesse, e me dissesse um amigo que a não fizera bem, não me sentiria ofendido com tal juízo. É uma arte *sui generis*, para que nem todos têm jeito. Creio, depois disto, que posso dar por finda esta palestra, reafirmando a Abel Salazar a minha admiração e a minha estima,—admiração que me leva, precisamente, a querer vê-lo empregar o melhor possível as brilhantíssimas faculdades de que é dotado.

## ANTÓNIO SÉRGIO

P. S.—Para defender contra mim os seus métodos de vulgarização, invoca Abel Salazar a opinião de Borel. Não sei a que opinião se referirá; a de que me lembro dêle neste momento é a que vem num livro conhecidíssimo, que li há mais de uma dúzia de anos: *L'Espace et le Temps* (Alcan, 1923). Diz assim: «Malheureusement, le public goûte fort peu ces conseils de sagesse; ce n'est pas dans cent ans qu'il veut être renseigné, c'est tout de suite, et si ceux qui sont qualifiés pour le faire s'y refusent, il se jetera sur les expositions des théories nouvelles dues à quelquel vulgarisateur dont la science sera parfois de deuxième ou de troisième main» (p. 2). Se Abel Salazar se considera, na ciência da física matemática contemporânea, um verdadeiro especialista, como o próprio Borel,—o trecho é-lhe favorável; se se considera, pelo contrário, um conhecedor em segunda mão (ou terceira, ou quarta, ou quinta),—o trecho, em vez de favorecê-lo, condena-o. Foi pouco depois de ter saído êsse livrinho que eu conheci pessoalmente Borel (só, aliás, lhe falei uma vez): e do que lhe ouvi fiquei também com a idea de que êle condenava as vulgarizações da relatividade por conhecedores de segunda mão.

(1) Êsse dogmatismo, claro, não está no espírito de Abel Salazar, nem nos seus trabalhos de cientista,—mas na forma, no estilo, no tom, dos seus artigos de vulgarização. É êsse estilo, em suma, que eu discuto com êle.